



MULHERES RURAIS EM ASSOCIAÇÕES PRODUTIVAS: HISTÓRIA DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO

Sandino Hoff
sandino.hoff@terra.com.br
Universidade Anhanguera
Eliane Nilsen Konkel
Professora da Rede Estadual de Ensino
Maria Angélica Cardoso
(UNICAMP)

Resumo

O tema deste estudo é o trabalho cooperativo de mulheres rurais, despendido no plantio do fumo e nas associações produtivas, relacionado à história da formação no trabalho familiar e na educação escolar. O cultivo do fumo é considerado como produção convencional efetivada pela agricultura familiar e a produção associativa, criada e realizada pelas mulheres rurais, é a alternativa ou o complemento à cultura do fumo. O estudo é um ramo investigativo da linha de pesquisa Desenvolvimento Regional, Sustentabilidade e Educação. Das sete associações de produção familiar, criadas e desenvolvidas no interior do município de Mafra, SC, este trabalho selecionou para a pesquisa as mulheres pertencentes a três associações: a Granja Hable, que atua no ramo de produção de ovos; a Vitória, que fabrica biscoitos; e a Irmãos Konkel que se dedica à horticultura. As entrevistas com as mulheres rurais, gestoras e trabalhadoras das associações, foram realizadas em duas etapas: uma em 2007 para fins de algumas publicações; e as demais em 2012, com a finalidade de obter dados para novas investigações e publicações. O objetivo deste estudo foi investigar a organização e os processos do trabalho cooperativo, a construção de conhecimentos, habilidades e de competências, adquiridos na prática do trabalho familiar; e a educação escolar, enquanto base para a gestão e o cálculo racional, exigidos nas produções. Os autores utilizados foram Saviani (1998), Alves (2009), Marx (1980), Werle (org) (2007), Souza (org) (2011), Boisier (1999), Abramovay (1998), Sen (2000), Tedesco (1999) e outros, que fundamentaram as categorias de trabalho qualificado e especializado, educação, produção familiar. Constatou-se que o cultivo do fumo e a produção associada possuem nexos comuns que se manifestam pela tendência à simplificação e à objetivação do trabalho, substituindo aos poucos o trabalho qualificado pelo trabalho especializado. No entanto, as diversas especificações do trabalho e a introdução de ferramentas e máquinas não fragmentaram o conhecimento global acumulado das mulheres rurais. As entrevistas consideram que a educação escolar recebida em décadas anteriores ainda não vinculava, como hoje, o plantio do fumo e a utilização dos agrotóxicos aos problemas ambientais e de saúde. Atribuem a capacidade de gestão, de produção e de desenvolvimento regional à formação adquirida principalmente na experiência do trabalho e na educação informal. Nesta, a educação escolar pouco ajudou.

Palavras-chave: Trabalho cooperativo. Educação formal. Educação informal. Mulheres rurais. Associações.

Introdução

O tema deste estudo é o trabalho cooperativo de mulheres rurais, despendido no plantio do fumo e na produção associada, - esta, criada e desenvolvida como alternativa ou como complemento ao cultivo daquele - relacionado à história da formação adquirida no trabalho familiar e na escola. Investiga a organização e os processos do trabalho cooperativo, enquanto





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

trajetória temporal-histórica da simplificação e objetivação do trabalho, e a construção de conhecimentos, habilidades e de competências, enquanto base para a gestão e o cálculo racional, exigidos nas produções.

Reunidas em associações, as mulheres rurais, com muito empenho, negociação e parcerias, criaram e executaram sete associações de produção familiar, no interior do município de Mafra, SC. Este trabalho selecionou para a pesquisa as mulheres pertencentes a três associações: a Granja Hable, que atua no ramo de produção de ovos; a Vitória, que fabrica biscoitos; e a Irmãos Konkel que se dedica à horticultura. Esta última substituiu o cultivo do fumo pela produção alternativa. As demais permaneceram no cultivo convencional e fizeram da associação uma produção complementar.

O conhecimento adquirido na fumicultura e a renda capitalizada da família proprietária da terra propiciaram as condições materiais para o planejamento e a execução das associações. Nessa ótica, buscou-se aprofundar a idéia de que a tendência à simplificação e à objetivação do trabalho familiar é uma constante, tanto na produção convencional do fumo, quanto na produção associativa que ocorrem na pequena propriedade rural. Essa tendência traz a necessidade de se analisar a especialização e o assalariamento do trabalho.

O estudo é um ramo investigativo da linha de pesquisa *Desenvolvimento Regional, Sustentabilidade e Educação*

As Associações e o Trabalho na Pequena Produção

As associações produtivas de mulheres rurais foram instituídas como empresas familiares. Grzybowski e Tedesco (1999, p. 140) caracterizam uma empresa familiar como sendo

Aquela organização empresarial que tem a sua origem e sua história vinculadas a uma mesma família há pelo menos duas gerações, ou aquela que mantém membros da família na administração dos negócios, ou seja, empresa que é controlada e ou administrada por membros de uma família.

Os autores a definem de forma ampla, tendo como o oposto, a empresa de capital aberto. As associações deste estudo são empresas familiares de pequeno porte, como tais, têm limitações





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

tanto na produção quanto na distribuição. Garantem, porém, operações flexíveis e decisões rápidas na condução dos empreendimentos.

Ao contrário da fumicultura, - que tem mercado internacional de compra garantido pelas fumageiras multinacionais - a produção independente das mulheres associadas destina-se ao mercado local e se depara diretamente com a concorrência do produto industrializado em grande escala:

O que atrapalha, eu acho, é a gente se confrontar com fábricas grandes, então não tem como você entrar no mercado e querer comparar o produto e o preço com o biscoito industrial, porque o industrial é bem mais barato. Entram bem mais fácil no mercado. (Entrevista D)

O produto não percorre grandes distâncias até o consumidor final, por ter pouco alcance de mercado. O comprador comerciante tem suas vantagens, porque adquire uma mercadoria com qualidade. Seu comércio não se limita, porém, à compra e venda dos produtos provenientes das associações. Comercializa, principalmente, produtos adquiridos no mercado nacional. A ligação pessoal entre produtoras e comerciante está garantida pela intermediação de forças sociais, relacionadas a instituições governamentais e privadas, como a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Epagri), o Banco Nacional Agricultura Familiar (BNAF), e como a colaboração de professores universitários e as parcerias firmadas.

As mulheres associadas são donas da pequena propriedade rural. Nela se situam as associações. São fundadoras e gestoras, ao mesmo tempo em que são trabalhadoras diretas do empreendimento. Numa delas, a jornada de trabalho organiza-se em cuidados da casa e nas tarefas da associação. Nas outras duas, a jornada estende-se aos serviços de casa, ao cultivo do fumo e à administração das associações produtivas.

Entendem-se melhor as categorias de trabalho cooperativo, trabalho assalariado, desenvolvimento e educação, quando se descrevem ambas as formas de produção.

O Cultivo do Fumo

O processo do plantio e da colheita do fumo é orientado para a economia do mercado internacional. O produtor na sua pequena propriedade, ao repor o ciclo anual, dispõe de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

condições materiais para melhoramentos e para a simplificação de seu trabalho, por meio de ferramentas e de maquinário.

O trabalho anual do cultivo do fumo começa com o corte de árvores, geralmente eucalipto ou acácia-negra, cuja lenha deve estar seca para combustível na hora da colheita. Segue o semeio do fumo com sementes selecionadas pelas fumageiras. Consiste em nivelar o solo e construir as laterais com tijolos ou tábuas. As laterais servem de apoio para a *piscina* onde ficam flutuando as *bandejas* do semeio. Nesta, a água limpa recebe, pelo regador manual, os nutrientes e os produtos que combatem as doenças. A lona plástica de cobertura, transparente para a passagem da luz solar, é sustentada com arcos de ferro. Por baixo da lona introduz-se a *talagarça* que protege as mudas do frio e do gotejamento. O conjunto forma o canteiro de semeio. A máquina *podadeira*, à bateria, auxilia o trabalhador na poda das mudas, quando estas estão crescendo nas bandejas.

A mudança, ocorrida nas tarefas do semeio, é percebida quando se descreve um canteiro formado na metade do século XX. Com a pá e a enxada elevavam-se os canteiros, onde se depositavam as melhores sementes colhidas na safra anterior. O semeio era feito à mão espalhando as sementes no canteiro adubado. As mudas cresciam uma ao lado da outra. Com as mãos os trabalhadores extraíam os inços e cobriam os canteiros com uma fina rede de malha para impedir os estragos que faziam os insetos e as geadas. A mudança nas atividades do semeio; no entanto, não acarretou a simplificação do trabalho manual.

O preparo da terra na lavoura inicia com corrigir o solo, arar, gradear, adubar e preparar os *camalhões* que são elevações sobre o terreno aplainado. As ferramentas próprias para fazer os *camalhões* são movimentadas pelo trator. Em muitas propriedades a tração animal realiza este serviço. A instalação de *camalhões* é feita com o adicionamento do adubo e dos herbicidas. Em cima deles começa o transplante das mudas, estas com aproximadamente 12 cm. A *máquina de plantio*, opera dessa maneira: uma pessoa realiza o plantio e uma segunda pessoa põe as mudas diretamente dentro da máquina, uma a uma. Ambas podem caminhar normalmente, com a coluna reta. A ferramenta, operada à mão, é análoga à máquina de plantar grãos de feijão ou milho. O transplante é feito, geralmente, quando ocorrem dias de chuvinha fina, para as mudas transplantadas obter umidade e vigorar.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A forma manual do transplante, feito em décadas anteriores, começava com o arado, puxado por cavalos, burros ou bois. Em vez de construir *camalhões*, o trabalhador dirigia o cultivador, um pequeno arado puxado por um cavalo ou um burro, que fazia um sulco em linha reta; um segundo trabalhador passava o adubo no sulco para que o cultivador pudesse, no retorno da fileira, enterrar o adubo, operando nos dois lados, ao mesmo tempo fazer o abaulamento do solo e formar as linhas do plantio. Em seguida, um terceiro trabalhador, com um instrumento simples, fincava a ponta em cima do solo adubado e abaulado, em distâncias adequadas para abrir pequeno buraco, - ou então, utilizava a ponta da enxada - enquanto um quarto depunha as plantinhas, uma a uma, junto aos buracos. Um quinto trabalhador, com as mãos, enterrava as raízes da plantinha no lugar e ajuntava terra ao redor. As mudanças ocorridas no transplante das mudas de fumo com a introdução da *máquina de plantio* favoreceram a saúde do trabalhador e simplificaram o trabalho.

O passo seguinte requer vários cuidados e serviços, que se iniciam com as inspeções diárias na lavoura, a fim de substituir as plantinhas que não vingaram; aplicar com a *máquina costal* os agrotóxicos, misturados a um volume determinado de água, produtos que combaterão o pulgão e os insetos; fazer as *cultivações* e as *aterrações*, efetivadas por força animal ou por ferramentas atreladas ao trator, com a finalidade de afofar o solo e eliminar inços ocasionais; e de aplicar salitre e adubos.

Essas tarefas evidenciam que a introdução de ferramentas e de máquinas, principalmente o trator, facilitou o trabalho. A manutenção da *máquina costal* como aplicativo de agrotóxicos continua causando prejuízos á saúde do trabalhador rural. Apesar de se utilizar ferramentas e máquinas como tendência na produção, muitas tarefas não aceitam sua utilização e continuam a ser realizadas manualmente.

Quando aparecem as primeiras flores, inicia-se a *capação*, extirpando-se o cacho de flores, com a finalidade de concentrar as forças nas folhas. Para não haver nova brotação aplica-se um produto inibidor.

A colheita e a *cura* do fumo merecem atenção, devido às mudanças que ocorreram no manejo. É ali que se percebe melhor que o trabalho cooperativo e a habilidade técnica tradicional foram incorporados ao cultivo do fumo..





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

As folhas dos pés de fumo amadurecem de baixo para cima, retirando-se na *apanha do baixeiro* 4 ou 5 folhas maduras e nas apanhas semanais 2 ou 3 folhas. A colheita consiste em passar todos os carreiros, coletando as folhas maduras do pé com uma das mãos e as colocando em baixo do braço da outra mão. Vários trabalhadores, geralmente, de estatura física boa, especializam-se na *quebra* das folhas e tem que flexionar-se e permanecer assim por longo tempo para colher as folhas mais perto do solo (o *baixeiro*) e, depois, as folhas intermediárias e as mais elevadas, estas colhidas em pé. O *quebrador* das folhas deve ter experiência na tarefa, porque é preciso ter jeito de colher folha por folha e ter conhecimento para coletar as folhas em condições de irem para a estufa. Somente estas resultam, quando secadas, em folhas sadias, bonitas e de boa cor, com maior valor comercial.

Um ou dois trabalhadores recebem as *braçadas* dos *quebradores* e as transportam até a carreta, o que resulta em seguidas caminhadas e na sustentação de um relativo peso. Quando a carreta, puxada pelo mini-trator, estiver repleta, é encaminhada até a varanda (ou galpão) perto da estufa. Todas as tarefas são especializadas, dependendo da força e do conhecimento de cada trabalhador.

Em tempos anteriores, a *quebra* das folhas no pé e o transporte até a carreta se faziam da mesma forma. A mudança ocorreu somente com a utilização do mini-trator em lugar da tração animal. Nessa ótica, não melhorou as condições físicas do trabalhador; no entanto, intensificou o trabalho, diminuindo o tempo da colheita.

Uma vez colhido o volume suficiente para uma fornada, os trabalhadores familiares e os eventuais assalariados dirigem-se da lavoura à varanda para o atamento. Se o processo de atar fumo for realizado de forma manual, procede-se assim: alguém sentado num banco e tendo a seu lado *braçadas* de folhas colhidas, com suas mãos elabora, rapidamente, *molhos* de três a quatro folhas e os alcança, um por um, àquele - normalmente um especialista na tarefa - que, em pé, os amarra à vara de madeira, presa num cavalete apropriado. Este trabalho é essencialmente cooperativo. Uma dupla de *alcançadores* e um *atador*, bem treinados, conseguem, num turno do dia, atar mais de 100 varas. O atamento pode ser mecanizado: um trabalhador leva feixes de folhas ao lugar da máquina e outro cuida para que a *tecedeira* elétrica opere o serviço de atamento e preencha a *taquara* ou *vara* de madeira com costura das folhas. Cada *vara* cheia com





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

os *molhos* amarrados é depositada num lugar apropriado, à sombra, à espera de ser transportada à estufa. A mudança introduzida é a *tecedeira* elétrica. Ela simplificou a tarefa e intensificou o trabalho, mas nem todos os lavradores a utilizam, preferindo o atamento à mão.

Ao final da tarde, as *taquaras* terão que ser suspensas nas vigas dentro da estufa. Trabalhadores carregam as varas para dentro, utilizando uma carreta de rodinhas, e dois outros trabalhadores entram em ação: um deles *alcança* as varas, uma por uma, a quem está no andaime para ajeitá-las no alto do forno entre as vigas de madeira, horizontais e fixas, formando um conjunto de prateleiras no interior da estufa. Há especialistas para estes dois últimos serviços, pois o *alcance* das varas deve estar em harmonia com o serviço de pendê-las nas vigas. Idêntico procedimento é feito quando da retirada do fumo secado para ser armazenado provisoriamente, - um trabalho mais leve porque as folhas estão secas - até se proceder às tarefas do *sortimento* das folhas, o que é feito após toda a colheita, a *cura* e a *secagem*.

A *cura* é feita com calor apropriado para cada fase: a de *amarelção*, de *murchamento* e de *fixação da cor*. Segue a fase final que se chama *secagem do talo*. A grande maioria dos produtores prefere a lenha como combustível nas estufas, embora haja a alternativa de alimentá-la com energia elétrica. O termostato sinaliza a gradação adequada a cada fase.

Importante a destacar é que os membros da família revezam-se em diversas tarefas coletivas, como por exemplo, o *alcançador* das varas ou a pessoa do andaime também auxilia no *alcançar* os *molhos* na etapa reservada ao atamento ou como *atador*. As mesmas pessoas também quebram as folhas na lavoura e as transportam. A cooperação exige do trabalhador várias especializações na colheita do fumo. Há etapas a serem cumpridas no processo da colheita. No galpão, o trabalho é executado quando o sol do verão aumenta o calor, reservando-se a colheita na lavoura para os inícios da manhã e os fins das tardes. As diversas tarefas exigem trabalho especializado e cooperativo, porque necessita ser intensivo, pois, as folhas, uma vez colhidas, não podem ficar muito tempo sem o calor da estufa. Este somente é ativado quando todas as varas estiverem dentro do forno.

Por fim, o fumo colhido, *curado* e secado, depositado nas varandas, agora totalmente fechadas, será *sortido*, conforme as normas de classificação estabelecidas pelos compradores que formam o complexo multinacional das fumageiras. O *sortimento* é realizado também com trabalho





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

familiar, com alguma divisão de trabalho: os adultos fazem o *sortimento* e os mais jovens confeccionam os feixes de folhas e fazem as *manilhas*, da seguinte forma: retiram as folhas de cada feixe classificado, ajuntam-nas, formam um pacotezinho e as amarram nos talos com uma folha. Este trabalho é feito, quando as folhas estiverem macias. Feita a *manilhação* de cada classe sortida, procede-se ao *enfardamento* do tabaco, última etapa, pois, os fardos são levados ao mercado. Nesta fase final do trabalho ainda não se criaram ferramentas ou máquinas. As tarefas do *sortimento* e da embalagem são essencialmente subjetivas, sendo que as primeiras exigem conhecimentos que somente são apropriados pela experiência.

Estas e outras exigem conhecimentos e experiências, não só em como proceder, mas também, em planejamentos, cálculos de metragem, de tempo, dias e horas. Exigem capacidade de leitura de informações dadas pelas fumageiras e adaptações contínuas, pois, as empresas modificam as formas de plantio, os insumos, a classificação no *sortimento* e, principalmente, os preços da arroba de cada classificação. Para isso, as entrevistadas consideram que o ensino fundamental, “primário”, foi importante no início de suas vidas, que, além do conhecimento e da experiência de que se apropriaram, foram favorecidas com uma série de fatores que contribuíram para as instalações da produção associativa. Citam a renda capitalizada disponível na pequena propriedade familiar: ferramentas, varandas, enxadas, foices, tratores, terra produtiva, plantio de eucaliptos e outros bens materiais, como o próprio solo. Elas não deixam de mencionar que o cultivo do fumo tem a proteção da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra). O que valoriza o cultivo do fumo também é, a despeito da oscilação de preços, a garantia de comercialização. Afirmam: “há mercado para o fumo”. As associações somente dispõem do mercado local.

A Produção Associativa

A descrição do trabalho despendido nas associações revela que a base técnica do trabalho artesanal transformou-se em divisão do trabalho, com o auxílio de ferramentas e de máquinas: “O trabalho é dividido, por exemplo, eu faço massa, duas cortam, duas vão à máquina, uma vai ao forno e todo dia a gente inverte, cada dia uma faz a função que a outra fez no dia anterior, vamos trocando” (Entrevista D).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O trabalho nas associações é descrito pelas mulheres entrevistadas, projetando dificuldades, receios e incertezas: “A vida da associação é muito difícil, porque você tinha que fazer tudo, lutar para conseguir ter aquele dinheiro no final do mês” (Entrevista H).

Na associação de fabricação de biscoitos, as mulheres contam uma tripla jornada de trabalho: as atividades do universo doméstico, a produção do tabaco e o trabalho na associação. Para elas, a associação representa o desejo de mudar a condição de vida, ou seja, deixar de plantar tabaco e assumir definitivamente a produção de biscoito. Ocorreram entraves, sendo o principal a concorrência das indústrias de maior porte. Por isso, há necessidade de continuar a tríplice jornada.

Nessa associação, produz-se, também, leite, enquanto matéria-prima para a fabricação de bolachas. A família tinha, antes de iniciar a produção associativa, todas as condições materiais para a criação de vacas e para a ordenha, além de possuir uma renda capitalizada em terra, galpões, ferramentas e máquinas. O trato dos animais, inclusive das vacas leiteiras, a ordenha automática e o depósito do leite na máquina à energia para mantê-lo no esfriamento, tornaram-se serviços exclusivos dos homens na divisão das tarefas da associação que fabrica biscoitos. Uma entrevistada revelou que somente vai ‘ajudar’ quando tem muita coisa para fazer:

Levanto, acordo meu menino que vai para a escola, tomo meu café, vou tirar leite, [...] daí tenho que trabalhar o que der até o meio dia, porque geralmente vamos para as bolachas depois do meio dia. [...] Bom, daí eu tiro leite, se tem roupa para lavar eu lavo, ajudo um pouco no fumo porque às vezes tem fumo úmido para fazer fardo [...] Então meu quintal está abandonado, [...] não estou conseguindo manter. [...] Daí chega o meio dia perto da hora do almoço, faz o almoço, almoça e vai para fazer as bolachas. Daí, chega de tarde, já de noite, ainda vou tirar leite, faço a janta, roupas para passar, tarefa para ajudar as crianças a fazer.

Outra entrevistada assume o trabalho de duas produções e da lida doméstica e revela, de forma simples, que, nos planos para o futuro, seu desejo é “trabalhar para valer, para ganhar e, então, nós íamos parar com o fumo. Meu sonho era crescer todo dia”. (Entrevista D)

A entrevistada F manifestou-se: “Eu levanto de manhã, faço café, depois saio dou uma trabalhada no quintal, daí a tarde eu vou fazer bolacha. [...] e quando é época de fumo, “[...] aí a gente vai para a roça também”.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A mulher rural que cuida das hortaliças atribui também ao trabalho do homem o sucesso do empreendimento. Ela cuida da administração e o marido realiza o trabalho. Ali, somente se cultivam legumes e verduras, que substituíram o cultivo do fumo:

(Minha rotina) é tirar leite, lidar com os bichos, fazer o serviço dentro de casa, daí a gente vai ajudar um pouco eles (os homens no cultivo das verduras). Tenho também, meu quintal. (Entrevista B).

Ela tem tempo para cuidar de “meu quintal”, o que caracteriza a divisão de funções amparadas pela cultura tradicional.

Nesta associação, as famílias romperam com a produção do tabaco e passaram a plantar hortaliças. Na substituição, as mulheres dizem que permaneceram com uma rotina mais “leve” de trabalho, restringindo-se às funções domésticas e às de gestoras. Não havendo mais necessidade de enfrentar as lidas no cultivo do fumo, houve um “alívio” de trabalho: “Agora é bem melhor, pois lidar com o fumo não é fácil; com as verduras é melhor, não precisa trabalhar dia e noite”. (Entrevista A).

As mulheres associadas testemunham que as unidades familiares podem constituir prosperidade. Nessa ótica, Abromovay (1998, p. 19) constata: “É fundamentalmente sobre a base de unidades familiares de produção que se constatou a imensa prosperidade que marca a produção de alimentos e fibras das nações mais desenvolvidas”.

Na granja de ovos, o empreendimento assumiu a organização objetiva do trabalho, cabendo às mulheres as decisões da gestão e a divisão das tarefas. Há trabalhadores assalariados e as gestoras adquiriram conhecimentos sobre a jornada de trabalho, os salários, os encargos sociais e os impostos. Elas atuam conjuntamente e cada uma tem funções definidas na empresa. As demandas exigiram a contratação de funcionários, uma necessidade de assalariamento ou de utilização de trabalho alheio. A rotina das mulheres ficou mais ampla e embora estejam ainda ligadas às atividades do espaço doméstico, há tempo para o lazer, para cuidar da aparência. A educação dos filhos torna-se mais participativa e constante. Para elas, as atividades domésticas não são apresentadas como um fardo, mas como algo com que aprenderam a lidar.

Uma associada revela sua rotina:

A nossa rotina de trabalho é mais administrar, como eu estava te falando, então eu cuido mais da fabrica de ração, o que falta, o que precisa comprar, atendo mais





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

os funcionários, [...] é tudo comigo. Eu falo que sou livre. Faço pagamento. Como vem o calcário (para o plantio da soja), a fábrica de ração, tudo eu coordeno. [...] O trabalho da casa sou eu que faço, tento me organizar [...] cuidar das minhas coisas, ter uma vida mais saudável. (Entrevista I)

Os depoimentos revelam a dedicação das mulheres diretamente à gestão da associação. Cabe aqui uma colaboração de Amartya Sen: “Trabalhar fora de casa e auferir uma renda independente tende a produzir um impacto claro sobre a melhoria da posição social da mulher na sociedade”. (SEN, 2000, p. 223).

Como afirmado acima, a associação que produz ovos efetiva parte da produção com trabalho assalariado, mas, nela não ocorreu o rompimento com a produção de tabaco na produção familiar. Há por parte das mulheres o receio de não conseguir alavancar os negócios da associação e, por isso, elas permanecem, ao lado da produção associativa, também no cultivo convencional, para “vencer as contas”. Dominam o conhecimento das duas produções, aprendido com a experiência. Para elas, o fumo traz segurança, pois, a fumageira multinacional necessita das folhas de fumo como matéria-prima.

A independência financeira das mulheres, sonhada por todas, não tem acesso facilitado e exige luta constante.

O Trabalho Cooperativo e o Conhecimento Acumulado

No cultivo do fumo e na produção associativa adota-se o trabalho tipo manufatureiro, uma organização do trabalho que, com o gradual e possível auxílio de ferramentas e máquinas, tende a simplificar e objetivar as tarefas. A especialização está presente em ambas as produções, com tendências de crescimento. O trabalhador familiar sabe operar vários trabalhos especializados, graças à acumulação de conhecimentos e de habilidades práticas.

Nas associações produtivas de ovos, hortaliças e bolachas, as tarefas de transformação dos produtos são efetuadas com trabalho dividido pelos membros das famílias. Há trabalho especializado, que cabe mais à uma do que à outra trabalhadora. A unidade, a partir da qual se organiza o processo, são as próprias associadas com seus instrumentos, com seus cálculos e sua





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

organização, operando com a capacidade total de força do trabalho, porque são proprietárias e trabalhadoras, simultaneamente.

Assim como o fumicultor, também a trabalhadora associada tem o domínio de várias especializações, mesmo que, à semelhança do primeiro, realize somente uma operação em determinado momento da produção. A experiência pré-existente aos empreendimentos determina o domínio de várias especializações. O trabalho familiar no cultivo do fumo ou na produção associativa utiliza o emprego simultâneo de muitos trabalhadores que fazem tarefas da mesma espécie, em etapas seguidas. Assim por exemplo, na colheita do fumo, primeiramente, fazem-se as atividades da coleta das folhas na lavoura; posteriormente, o atamento e a colocação das varas na estufa. O sortimento já se realiza em etapa posterior. Cada etapa é realizada por todos os trabalhadores familiares, mas, em cada uma delas, há o trabalho especializado.

Por isso, em ambas as formas de produções existem aspectos comuns que conduzem o texto para uma análise em sete aspectos:

1 Há uma relação orgânica de conhecimentos e de execuções. A operação cria uma relação de cálculo que fixa o tamanho da coleta que será feito para “encher” a estufa; que planeja um período para que cada função seja executada; que providencia o quantum de trabalho a ser despendido, buscando-se trabalhadores diaristas em caso de se prever que o trabalho familiar não dá conta da tarefa de coleta no tempo previsto; que fixa para cada etapa as atividades de cada especialista. O conjunto orgânico é pensado e controlado pela família. O conhecimento acumulado estabelece a diminuição do tempo de trabalho necessário para cada uma das 12 a 13 coletas anuais. A relação orgânica de conhecimento e execuções nas tarefas da produção associativa acarreta a simplificação do trabalho cooperativo, dependendo da destreza do trabalhador, do domínio da especialidade, do planejamento e do cálculo.

2 Mesmo sabendo executar várias funções da lida cotidiana, cada trabalhadora realiza uma só função especializada. Isso em ambas as formas de produção. Concentra-se toda a força do trabalho familiar e assalariada para cada etapa da produção associada ou da convencional. Todos os trabalhadores da lavoura, ao término de uma etapa, são deslocados para concentrar a força de trabalho em cooperação na nova etapa. Assim, na passagem de uma operação para outra, há apenas um pequeno intervalo de tempo, o que é absolutamente inevitável. Nas atividades do





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

cultivo do fumo e da produção associativa tende-se a encontrar sempre novas especializações do trabalho para cada etapa da produção, no intuito de simplificá-lo e intensificá-lo mediante a diminuição do tempo.

3 A forma de trabalho torna-se semelhante na produção convencional e na associativa pela tendência em concentrar ferramentas e máquinas nas mãos da família produtora. O trabalho coletivo familiar e o eventual trabalho assalariado, com a utilização dos meios de produção, a intensificação do trabalho e o prolongamento da jornada, fazem elevar o trabalho social médio e diminuir os custos. A intensificação do trabalho se dá em determinado espaço e em determinadas etapas de trabalho coletivo. Depende não só da virtuosidade do trabalhador e da harmonização das diversas tarefas, mas, também das ferramentas e das máquinas, adaptadas às funções exclusivas, de que a família dispõe. A tendência à fragmentação do trabalho corre lentamente na plantação do fumo. Na associação que produz ovos, porém, o assalariamento se faz presente e a especialização do trabalho ocorre de forma rápida, dependendo do grau de capitalização que tem o empreendimento familiar.

4 Escreve Marx que os instrumentos de trabalho são invenções históricas e se enquadram nas formas de trabalho conforme o uso que deles se faz. Não há produção sem eles. Da mesma forma, sem o trabalho passado, acumulado, não há capital: “O capital, entre outras coisas, é também um instrumento de trabalho, é trabalho passado, objetivado. (MARX, 1946, p. 204) Os instrumentos de trabalho em poder das mulheres rurais, além de serem manejados com facilidade e com habilidade, são “trabalho passado, objetivado”. A experiência, a prática e a habilidade do trabalhador familiar também são trabalho cristalizado na produção atual. Acrescente-se a renda capitalizada à disposição do trabalho familiar como “trabalho pretérito” Na descrição das produções detecta-se que a divisão do trabalho vem relacionada ao aumento da produtividade. A produtividade apareceu na fumicultura e nas associações, quando se possibilitou a compra de ferramentas e de máquinas, como afirma a entrevistada E: “A máquina manual [...] nós fazíamos duas massas por tarde. [...] Esticávamos a massa à mão [...] Então duas massas por tarde. Hoje, com a máquina [elétrica], fazemos vinte e seis massas”.

5 As mulheres associadas são proprietárias dos meios de produção e capitalistas do empreendimento e, ao mesmo tempo, trabalhadoras da produção, nas associações. Entretanto,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

conforme Lênin (1980, p. 25) e demais estudiosos da matéria, o capitalismo, que se desenvolve na região rural, tem um indicador: “O indicador essencial do capitalismo na agricultura é o trabalho assalariado”. Questiona-se: como é possível lucro sem o trabalho assalariado, este quase inexistente na produção convencional e na associada? A explicação que se dá é que o salário está embutido nas formas desiguais de trabalho. Tedesco (1999, p. 194) denomina o trabalho imediato e independente como “assalariado disfarçado”:

É dessa concepção que surgem análises, para o caso brasileiro, da chamada industrialização da agricultura, inserindo o camponês como assalariado disfarçado, proprietário formal dos meios de produção, trabalhador para o capital.

O argumento tem fundamento em Marx (1980, III, p. 920), quando escreve que o agricultor emprega “apenas trabalho próprio. Assim, [...] ele exigirá – além do que lhe cabe na qualidade de trabalhador – uma fração, por possuir parte do instrumental de trabalho e por ser capitalista de si mesmo”.

6 A introdução da máquina não levou o trabalhador a ser desapropriado de sua qualificação ou de seu conhecimento da totalidade nas etapas da produção fumicultora. As diversas tarefas específicas não fragmentaram o conhecimento geral das mulheres rurais. Para as empresas compradoras dos produtos, talvez, não houvesse necessidade de fazê-lo, porque a produtividade está não somente nas ferramentas e nas máquinas, mas também, no conhecimento global da produção, na mente dos membros da família. Tratando-se de um conhecimento acumulado por várias gerações, a substituição do trabalho individual, qualificado, pelo trabalho especializado, é feita sem pressa. Essa particularidade também se funda no elevado custo das máquinas, obstaculizando o acesso à grande maioria das famílias. Além disso, muitas das atividades dependem da destreza, do domínio do trabalhador familiar, o que impede a prática do trabalho objetivado e simplificado. A tendência à perda do controle do processo de trabalho não é exigida rigorosamente pelas fumageiras, porque o custo que o trabalho familiar representa às empresas é bastante baixo, com grande retorno.

7 Há que se entender que as fumageiras não intervêm decisivamente nas atividades do cultivo. O esforço prolongado e intensificado da família produtora independente, aliado ao uso de máquinas, é que garante o aumento do trabalho social médio. O dispêndio simultâneo de um





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

número de trabalhadores em atividades, dividido pelo número deles, garante uma jornada social de trabalho. Não há necessidade de fragmentar o conhecimento acumulado do trabalhador, porque ele não é trabalhador diretamente assalariado das fumageiras. No entanto, a introdução de melhoramento de sementes, agrotóxicos, tecnologia de manejo, adubos, etc. é a forma de as fumageiras garantirem produtividade.

O cultivo do fumo adotou o trabalho manual com auxílio de ferramentas e algumas máquinas. A cooperação simples convive ali com novas espécies mais desenvolvidas da cooperação. Em termos gerais, o cultivo do fumo e a produção associativa organizaram seu trabalho em tipo manufatureiro, revezando ferramentas simples com processos avançados de produção em termos de algumas máquinas e da tecnologia de produtividade das plantas.

A Educação Escolar e a Formação nas Práticas do Trabalho

Embora o envolvimento no trabalho rural, desde a infância, tenha deixado marcas de descontinuidade no processo escolar, a educação formal estimulou as mulheres trabalhadoras na organização associativa. A entrevistada H, assim se expressa: “Foi muito bom este estudo [primário], porque eu leio corretamente e não gaguejo nada”. Contudo, a educação informal parece ter influenciado mais fortemente. Essas mulheres afirmam que, ao se tornarem adultas, sentiram a necessidade de dominar conhecimentos sistematizados que possibilitasse a compreensão de seu cotidiano, da realidade imposta pelo mundo capitalista. Para tanto procuraram, na educação informal, os conhecimentos e as informações necessárias, participaram de grupos de reflexão, encontros de organização, comunidades de base e movimento de mulheres.

Cinco das nove mulheres entrevistadas estudaram até a quarta série e não continuaram porque precisavam ajudar no sustento da família

Me lembro bem. Quando eu estava na quarta série, a diretora chamou o pai para ir à escola e ele foi. Ela soube que eu não ia mais estudar e queria que eu continuasse. O pai ficou louco de brabo, não e não, ela não vai estudar porque somos pobres e ela tem que trabalhar para ajudar em casa. E aquilo me doeu muito porque eu adorava estudar e eu não podia lutar contra ele porque não tinha condição financeira. (Entrevista H).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Entre as entrevistadas mais jovens duas estudaram até a oitava série e duas concluíram o ensino médio. Estas revelam que o ensino, tal como estava posto à época, não ajudava muito na lavoura (Entrevista G). Estas quatro mulheres estiveram na escola na década de 1970, enquanto as mais velhas fizeram as quatro primeiras séries no final da década de 1960 e início da de 70. Todas elas em escolas rurais. Para Saviani (1980, p. 197) as escolas rurais não foram criadas para atender aos interesses do homem do campo, mas “a escolarização do campo se revela um fenômeno decorrente da expansão das relações capitalistas no campo”. Sendo assim, as escolas no campo tendem a se efetivar conforme os padrões urbanos uma vez que a sociedade capitalista se organiza segundo os padrões urbano-industriais. Portanto não é de se estranhar a reclamação destas mulheres, todas ex-alunas de escolas rurais. Além disso, a década de 1970 foi marcada pelo domínio da pedagogia tecnicista “que, em nome da racionalidade e da organização, fragmentou o campo pedagógico introduzindo tal grau de descontinuidade que acabou por fazer imperar o caos” (SAVIANI, 1984, p. 83).

Ainda assim, essas mulheres afirmam que a educação escolar foi útil na aquisição dos conhecimentos relativos à capacidade de cálculos – medidas e valores – e na aprendizagem da leitura, agora enriquecida nos grupos, nas comunidades e nos movimentos e organizações das quais participam. Para elas, a educação escolar só teria sentido se possibilitasse diretamente melhorias nas condições de trabalho. Com isso, reforçamos a idéia de que a educação no meio rural advém do meio urbano. Contudo, atualmente, há que se questionar o que é uma educação voltada para o meio urbano ou para o meio rural na atual fase de globalização pela qual passa o capitalismo. Tanto no meio urbano quanto no rural há que se preparar o indivíduo para exercer seus direitos e cumprir seus deveres, tornando-o conhecedor de sua situação. Só conhecendo de fato esta situação e as forças que nela agem – e isto só ocorrerá se a escola resgatar os conhecimentos historicamente acumulados e possibilitar o acesso dos trabalhadores a esse conhecimento – ele conseguirá intervir e transformá-la no sentido de ampliar a liberdade, a comunicação e a colaboração entre os homens.

Uma das entrevistadas revela que a escola não ajudou muito no ramo da agricultura e que, na atividade que ela realiza hoje na associação, ajuda pouco. Essa lacuna nos remete às funções sociais que a escola é chamada a cumprir. Conforme Bourdieu (1999, p. 53) a escola tem por





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

função organizar o culto de uma cultura, porém a cultura escolar está tão próxima da cultura da elite que as crianças das classes populares [e dentre elas as rurais] não podem adquirir, senão com muito esforço, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas. Nesse contexto, a escola assume por função conservar os valores que fundamentam a ordem social dominante. Para Pérez Gómez (1998, p. 14) a escola cumpre uma função puramente conservadora: “garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência da sociedade”. No entanto, este autor acredita que na escola, como em qualquer outra instituição social, existem espaços de relativa autonomia que podem ser utilizados para desequilibrar essa tendência reprodutora. Nesse espaço a resistência pode gerar transformações através da função educativa da escola que seria a de estimular a participação ativa e crítica dos alunos, primeiramente nas atividades desenvolvidas na sala de aula e, posteriormente no cenário social propriamente dito. No entanto, sob a égide tecnicista que fragmentou o campo pedagógico, subordinando o processo educativo ao “controle de técnicos supostamente habilitados, passando os professores a plano secundário, isto é, subordinando-os à organização ‘racional’ dos meios” (SAVIANI, 1984, p. 82) – a função educativa foi secundarizada. Foram em escolas, cuja função educativa estava subordinada à função reprodutora, sob a égide da pedagogia tradicional, no contexto rural, que as mulheres entrevistadas estudaram. Enquanto agentes nos espaços da pequena propriedade, elas afirmam que os conhecimentos sistematizados, adquiridos na educação escolar, não possibilitaram a compreensão da realidade – esta compreensão elas estão buscando na educação informal – mas as instrumentalizaram para poder “enfrentar” o processo complicado de criar e manter uma associação: “Muita coisa aprendi pela experiência, mas, o primário foi fundamental” (Entrevista F). O conhecimento adquirido na escola capacitou-as não a saber-fazer os trabalhos especializados, mas a gerir, calcular, controlar os recibos, entender as instruções escritas e entender os itens das parcerias firmadas.

Nessa ótica, conclui-se que a principal aprendizagem destas mulheres foi adquirida na prática do trabalho; que a educação escolar não ajudou na organização do trabalho especializado, mas foi útil porque as instrumentalizou nos conhecimentos básicos que, de alguma forma, acabou por capacitá-las para os empreendimentos atuais. Frente a tais constatações verifica-se que, àquela época, a educação não cumpria com a função de promoção humana, conforme proclamada





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

por Saviani (1980). Para este autor promover o homem significa “torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido de ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 1980, p. 52).

Conforme Alves (2001, p. 205) a escola não deixou de cumprir sua função propriamente pedagógica, o que explica o fato de as nove mulheres reconhecerem que a educação escolar, de certa forma, as instrumentalizou. Alves (2001, p. 153-155) explicita também a destruição entre a teoria e a prática – que levou essas mulheres a afirmarem que a escola não ajudou muito na agricultura nem nas atividades da associação. Ocorre que, além da escola rural seguir os padrões urbanos, a divisão do trabalho levada ao extremo com o advento da fábrica moderna e aguçada com a automatização, determinou a objetivação e a simplificação do trabalho. A expropriação ocorreu sob a forma de especialização profissional, orientando a trabalhadora das associações para a capacidade de desenvolver habilidades especiais e complexas para o mercado de trabalho. A escola, assim, teve descaracterizada uma de suas funções que era preparar o aluno para esse mercado. Em se tratando do trabalho na área rural, este fator se acentua ainda mais. É sabido que para preparar o homem para o trabalho especializado, a escola não se faz necessária. No caso do trabalho nas pequenas propriedades rurais de base familiar, o que ocorreu foi a tendência à organização do trabalho especializado, embora não tenham ocorridas a expropriação do saber e a perda do domínio da totalidade.

CONCLUSÃO

Verificou-se que na produção convencional e nas associações existe a utilização da força de trabalho especializada, adquirida na experiência do trabalho, além de estar presente, em forma de renda capitalizada, toda a base técnica para a produção, tanto para o cultivo do fumo quanto da produção associativa das mulheres rurais. Esta base técnica foi, em boa parte, incorporada ao trabalho manufatureiro.

O estudo conclui que a tendência à expropriação do saber não interessou às fumageiras, pois, elas não controlam diretamente a produção e lhes é conveniente que o trabalho familiar mantenha a base técnica adquirida. O objetivo dos compradores da produção alternativa ou





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

complementar é que as mulheres realizem a produção de acordo com os parâmetros estabelecidos pelas normas, mantendo uma boa qualidade. A introdução de ferramentas ou de máquinas isoladas não representou o fim do saber-fazer do trabalhador, produtor de fumo ou de mercadorias em associações. A família produtora continua a manter o domínio do trabalho qualificado, conhecendo a totalidade do cultivo e a usar os trabalhos especializados. Quando as entrevistadas informam que o “primário” não acrescentou nada ao trabalho, deve-se entendê-las com referência ao trabalho especializado, ao qual tendem as formas de produção. Este aspecto já se encontra na Economia Política Clássica que, ao se referir à finalidade de preparar para o trabalho especializado, não há necessidade da escola. Na execução do trabalho familiar, cada trabalhador conhece e executa várias especializações e essa habilidade deve-se à formação geral auferida nas práticas do trabalho, pois, existiam a experiência e o conhecimento anteriores.

As semelhanças entre o cultivo do fumo e da produção associativa referem-se especificamente à pequena propriedade. Esta permanece estável, não ocorrendo sua eliminação pelo capital, ressalvando-se que o agricultor possui parte do instrumental de trabalho e, ao mesmo tempo, cabe-lhe um salário na qualidade de trabalhador. (MARX, 1985, III, p. 920). Constatou-se uma espécie de “proteção/exploração” dos pequenos proprietários e do trabalho familiar por parte da indústria e do comércio.

As entrevistadas – mulheres associadas da região rural de Mafra, SC – afirmam que a introdução de temas escolares relacionados ao cuidado com os agrotóxicos e com as deformações físicas, presentes no plantio do fumo, foi uma conquista recente das escolas rurais, não estando presente à época em que cursaram o “primário”.

Em síntese, a aprendizagem das mulheres rurais em associações produtivas e no plantio do fumo, foi adquirida na prática do trabalho. O “primário” não ajudou a organização do trabalho, quando as formas de produção enveredaram para o trabalho especializado. A educação escolar, entretanto, foi útil porque as instrumentalizou nos conhecimentos básicos para os empreendimentos, quanto à capacidade de gerir, produzir e de buscar recursos nas instituições financeiras. A educação escolar produziu para elas um conjunto de habilidades intelectuais que funcionaram como geradores de capacidade de dominar o trabalho produtivo, mas não foram suficientes para capacitá-las a entender a realidade. Nesse sentido, Saviani (1998, p. 161) analisa o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

trabalho relacionado à educação, afirmando: “o trabalhador [...] para transformar a matéria precisa dominar algum tipo de saber”. E o saber escolar adquirido por essas mulheres limitou-se ao básico, mas, ainda assim capacitou-as a organizar os empreendimentos atuais. Contudo, a função primeira da escola – a promoção humana ou a capacitação para conhecer os elementos de sua situação a fim de nela intervir – esta foi adquirida na educação informal, bem depois do período escolar. Essas mulheres estudaram no final da década de 1960 e na década de 1970. Constatou-se que àquela época a função social que predominantemente as escolas daquela região exerciam era de conservação e reprodução da ordem social dominante. Por hora, fica aberta a questão: e hoje, qual é a função, ou quais são as funções, que as escolas públicas, seja rural ou urbana, estão exercendo? Estariam promovendo o homem, secundarizando a função pedagógica? Cardoso e Lara (2009, p. 13) ao finalizarem sua análise sobre as funções sociais da escola concluem que, para superar o status quo, a escola deve resgatar o conhecimento historicamente acumulado e possibilitar o acesso dos trabalhadores, quer urbanos, quer rurais, a esse conhecimento.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. (1998). **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Editora HUCITEC.
- ALVES, G. L. (2001) **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Campinas, SP: Autores Associados.
- ALVES, Gilberto Luiz (org). (2009). **Educação no Campo**. Campinas: Autores Associados.
- BOISIER, Sergio. (1999). El desarrollo territorial a partir de la construcción del capital sinérgico. **Redes**. Santa Cruz do Sul: vol4, nº 1, jan/abril.
- BOURDIEU, P. (1999). A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CARDOSO, M. Angélica; LARA, Ângela M. Barros. (2009). Sobre as Funções Sociais da Escola. IX Congresso Nacional de Educação – Educere. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica. CDRom
- GRZYBOVSKI, Denize e TEDESCO, João C. (1999). Empresa Familiar X Competitividade: Tendências e Racionalidades em Conflito. **Redes**. Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 139- 173, jan/abr.
- HOFF, S.; CARDOSO M. A. (2008). **A modernização da produção do mate e a criação de grupos escolares no Paraná**. GT: História das instituições escolares, VIII Jornada do Histedbr, UFSCar, julho, p. 16
- LÊNIN. (1980). **Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América**. São Paulo: Ed. Brasil Debates.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

KONKEL, ElianeNilsen e HOFF, Sandino. Mulheres Rurais, Gestoras de Associações Produtivas e Educação. In: SOUZA, Maria Antônia de. **Práticas Educativas do/no Campo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011, p. 201-223

KONKEL, Eliane Nilsen. **Desenvolvimento Local e Processo Educativo: a experiência das mulheres da agricultura familiar no município de Mafra (SC)**. Canoinhas: Mestrado em Desenvolvimento Regional. 2008.

MARX. **O Capital**. São Paulo: Civilização Brasileira, livro 1, vol, 1980

PÉREZ GÓMEZ, A. I. (1998). As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4 ed. Porto Alegre: ArtMed.

SAVIANI, Dermeval. (1980) **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados.

SAVIANI, Dermeval. (1984) **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados.

SAVIANI, Dermeval. (1998). O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, C. J. **Tecnologias, Trabalho e Educação**. Petrópolis: Vozes.

SEN, Amartya Kumar (2000). **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo; Companhia das Letras.

SOUZA, Maria Antônia (org). (2011). **Práticas Educativas do/no Campo**. Ponta Grossa: Editora UEPG.

TEDESCO, João C. (1999). Pluriatividade: Estratégias, alternativas ou fim da agricultura familiar? **Redes**. Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 139- 173, jan/abr.

